De: Érico Braga [mailto:ericobbl@yahoo.com.br]
Enviada em: terça-feira, 31 de julho de 2012 18:56
Para: catedra puc-rio; Eliana (casa); NANCI GONCALVES DA NOBREGA; Luis Antonio; Ricardo Oiticica
Cc: Nádia Barbosa; gilda; Erico Braga (gmail); Erico (YAHOO)
Assunto: Sobre o Encontro da Cátedra, em julho

Pessoas,

escrevi algo sobre nosso encontro, que, achei, foi o texto mais "arredondado".

Abs. a todos

érico

Tempos Gregorianos

Há tempo para tudo: menos para se perder tempo (não se o cria, nem se sabe perdê-lo...).

O que poderia ser um trocadilho, falsamente leminskeano, revela-se não no vício da leitura, porém contra-virtude do realizar-se. Procura-se ter sempre tempo; trabalha-se justamente para isso, mas sempre o vemos como óbice (ou óbito). ?Quem o produz, o tempo, senão nós mesmos?... Mas o tempo não se faz, se o habita. E habitá-lo, para os tempos cotidianos e contemporâneos, é o mesmo que, para si, desistir de tudo. Por isso, se desiste de todo o tempo possível, para que, a partir de o tudo nunca conquistado, seja possível, finalmente, alcançarmo-lo, o tempo, que, efetivamente, perdemos *ab initio.*

Não há aqui nenhuma ironia ou contra-tempo, senão,e absurdamente, nossos íntimos. Mas há talvez alguns exemplos de pessoas que possam nos resgatar de nós mesmos. A melhor delas é **Gregório Filho**. Egrégio contador e dilatador de tempos. Ele mui bem usufruiria engenheiramente de um trefilador mecânico ou uma mesa de tortura chinesa para tal fim: o que, no final – e durante –, é um 'meio' que estica... Porém, o instrumento de que se utiliza para tais ofícios são somente as cordas do coração (artífice e pêndulo terrível e sereno), vibrando uníssonas. Se eu digo "tortura", é porque um específico membro-cirurgia modifica aquilo tudo (o ego) à força, e contra nossos sentidos, músculos e tendões... Ah! E a situação?! Incabível! Nossa absoluta inaptidão física para tais condições – fora das capacidades de sobrevivência da vida biológica astronomicamente conhecida –, faz espécie neste depoimento:

> "Um comentário a respeito do **Gregório.** Somos opostos. Eu sou um desarvorado criativo que fala mil imagens por palavra, mil horas por segundo e que não se lembra do que criou ou sentiu há três segundos atrás. Ele, um rememorativo do instante que ainda não passou. Eu tenho mil idéias

> por segundo; ele curte uma até dissolver. Eu sou acelerado como um speed racer em multiplayer de oito jogos simultâneos. Ele, o homem da história na fogueira, para o qual, talvez, a circunstância única seja bem mais importante do que a única fala que ecoa. Deveria eu, justamente pelo contraste, ignorá-lo? Deveria eu, pela antítese mais aguda, justamente eximi-lo? Deveria eu, das minhas mais soberbas artes da velocidade, simplesmente extraditá-lo dos meus trezentos mil quilômetros por segundo que dão três voltas na terra antes da sua próxima sílaba? Em hipótese alguma! e muito pelo contrário! Nem eu sou o quantum aleatório e ignorante, nem ele tão geocêntrico terrestre e terno. Ele tem o que eu não tenho, e tem demais do que eu posso sê-lo: eu o admiro e não só por isso. Ele tem o tempo. Me fascina absurdamente o tempo de que ele dispõe, e como se não precisasse de tanto.isso. Ele é rico. Riquíssimo. Demais. E eu só posso dizer que tenho muito a aprender com ele.". (MESMO, Eu. PUC-Rio, Sala de Artes alguma: 2012, p.1)

Para que não se se perca do trajeto, embora descrito (e a publicação efetiva): isso é um depoimento, *in loco,* para um daqueles treinamentos que se impõe muito poucas vezes proficuamente para empresas e para as instituições onde oficineiros são previstos como imprescindíveis, gerando comentários negativos, e, como tal, inevitáveis... Mas não é disso que se trata. Trata-se de se hipotecar a alma na hipótese (demoníaca) de que toda e qualquer existência de palavras nossas ditas ao vento é publicável.

Nós existimos no dia-a-dia de nossos eventos. Nós publicamos nosso choro no dia que em nascemos; nós publicamos os machucamentos que hão de vir ou devir nos bicos dos seios de nossas mães (principalmente após secos – e quão secos são os das nossas amantes amadas, agora?!...); nós desvirginamos os selos íntimos com nossos sentimentos que não estavam n`aquilo nunca!?...; nós dizemos algo, ou tudo, como se não existíssemos (mas somos discursos plenos); nós fazemos por menos como se disséssemos que nada tememos. E tememos a paz, em nós mesmos...

Mas tudo isso passa ou parece que se ajusta...

Mas nós?... Nós, inevitavelmente... Nós seremos o que publicamos ao tempo: celeste ou chão...

Ou, pelo menos, Gregório o faz

em tempo...

(Érico Braga Barbosa Lima, 20-31 de julho de 2012, Gávea)